

EVOLUÇÃO



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjangó (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateaufneuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adriana Pereira Santos da Silva 19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM
Adriana Silva de Santana Barros 26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
Amanda Zuza dos Anjos 31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO
Bianca de Assis Pirahy 41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca 45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024
Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba 50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO
Cícera da Silva Ramos 55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Cláudia Reolo da Silva Ferreira 62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Denise Teixeira Santos Menezes 68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026
Edson da Conceição Graça 76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL
Elizabeth Aparecida Feitosa Lima 83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA
Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro 89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Joice de Andrade Silva 97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO
José Manuel dos Santos 103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandro de Almeida Oliveira 108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
Lilian Silvana Minho Zanetta 115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA
Luciane de Jesus Mineiro de Lima 121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO
Lucoque Bernardo 128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO
Manuel Paulo Chamorro 135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS
Marcelo Cunha 144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Marli Aparecida Rosa 161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
Maria de Lourdes Ferreira da Silva 167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
Orlaneide Ferreira Santos Diamante 173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula Dulcídio Rosseto 179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI
Renata da Costa Braz 186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR
Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira 193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA
Ucaca Venâncio António 200

GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM

Adriana Silva de Santana Barros¹

RESUMO

Este artigo busca compreender o papel das garatujas no desenvolvimento gráfico e simbólico da criança, analisando como os primeiros traçados constituem uma linguagem própria que antecede e sustenta processos posteriores de representação e escrita. De natureza qualitativa e bibliográfica, a pesquisa fundamenta-se em autores como Edith Derdyk, Philippe Greig, Emilia Ferreiro, Rosa Iavelberg, Lev Vygotsky, Silva, Ferraz e Fusari, entre outros. A metodologia consistiu em levantamento, seleção e análise interpretativa de obras clássicas e contemporâneas sobre o grafismo infantil, estabelecendo confronto entre abordagens desenvolvimentistas e socioculturais. Os resultados evidenciam que as garatujas não são meros rabiscos, mas manifestações estruturadas da experiência sensorial, emocional, cultural e simbólica da criança. Conclui-se que a compreensão do desenho como linguagem amplia o olhar pedagógico e fundamenta práticas mais respeitosas e significativas na Educação Infantil.

Palavras-chave: Garatujas. Desenho Infantil. Linguagem Gráfica. Desenvolvimento Infantil. Expressão.

INTRODUÇÃO

A compreensão do desenho infantil como forma de linguagem tem sido amplamente discutida por estudiosos que reconhecem sua natureza simbólica, expressiva e comunicativa. Edith Derdyk (1994) destaca que o desenho acompanha o ser humano desde suas primeiras manifestações expressivas, configurando-se como forma original de organizar o pensamento, registrar experiências e dar forma ao imaginário. Para a autora, “o desenho é uma forma de pensamento” (DERDYK, 1994, p. 21), indicando que o gesto gráfico ultrapassa o domínio motor e alcança dimensões cognitivas e simbólicas.

Na infância, essa potência expressiva intensifica-se, pois a criança utiliza o desenho para comunicar aquilo que ainda não domina plenamente

pela linguagem verbal. O gesto gráfico torna-se, assim, ferramenta de expressão e construção de sentidos.

Nesse percurso, Ferraz e Fusari (2009) enfatizam que o desenvolvimento gráfico segue evolução própria, marcada por experimentações e ampliação de repertório. Já Philippe Greig (2004; 2008) analisa o grafismo infantil sob perspectiva estrutural, destacando progressões no controle motor e na organização espacial.

Por outro lado, Silva (2002) propõe compreensão sociocultural do desenho, defendendo que ele se constitui nas interações sociais e na articulação entre fala e grafismo. Nessa perspectiva, a garatuja não é etapa inferior, mas linguagem inaugural.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Nove de Julho; Pós-graduação em Currículo e Prática Docente nos anos iniciais do ensino fundamental e Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho ambos pela Universidade Federal do Piauí; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

A relação entre desenho e escrita é aprofundada por Lev Vygotsky (1991), ao afirmar que ambas compartilham origens comuns nos gestos simbólicos da criança. Para o autor, o desenho antecede a escrita como sistema gráfico organizado e participa da formação das funções psicológicas superiores.

Diante dessas diferentes abordagens, este artigo discute o desenho infantil como linguagem na primeira infância, buscando não apenas revisar a literatura, mas estabelecer diálogo crítico entre perspectivas teóricas.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, orientada por perspectiva interpretativa. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na compreensão de que o objeto de estudo — as garatujas como linguagem — exige análise de significados, concepções teóricas e construções simbólicas, não sendo passível de mensuração quantitativa.

O percurso metodológico foi organizado em quatro etapas:

Levantamento sistemático de obras clássicas e contemporâneas sobre desenho infantil, grafismo e linguagem na infância;

Seleção dos referenciais com base na relevância acadêmica, reconhecimento científico dos autores e pertinência direta ao objeto de estudo;

Leitura analítica e fichamento das obras, identificando categorias como desenvolvimento gráfico, simbolização, dimensão emocional e implicações pedagógicas;

Análise comparativa e interpretativa, buscando estabelecer convergências, divergências e tensões entre abordagens desenvolvimentistas e socioculturais.

O confronto teórico constituiu eixo central da análise, permitindo identificar que, enquanto autores como Philippe Greig enfatizam progressões estruturais do grafismo, autores como Silva (2002) e Rosa Iavelberg (2008) destacam a constituição cultural e autoral do desenho.

Embora o estudo não envolva investigação empírica, reconhece-se que a análise bibliográfica fundamenta práticas pedagógicas e pode subsidiar pesquisas futuras de campo.

O DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O desenho infantil constitui-se como forma privilegiada de expressão e comunicação na primeira infância. Conforme destaca Rosa Iavelberg (2008), o desenho é uma aprendizagem cultural, desenvolvida na interação com o ambiente e com os materiais disponíveis.

Os primeiros traçados, conhecidos como garatujas, representam etapa fundamental do desenvolvimento gráfico. Philippe Greig (2004; 2008) enfatiza que os movimentos iniciais decorrem do controle progressivo do gesto, articulando percepção visual, coordenação motora e intencionalidade crescente.

Silva (2002) amplia essa perspectiva ao afirmar que a garatuja constitui linguagem inaugural, construída na relação entre fala e desenho. Ao narrar o que desenha, a criança articula sistemas simbólicos simultâneos, revelando autoria e construção de sentidos.

Do ponto de vista emocional, o desenho também desempenha papel estruturante. Conforme destaca Edith Derdyk (1994), o ato de desenhar envolve elaboração sensível e construção simbólica, permitindo que a criança expresse estados afetivos, descobertas e experiências vividas.

Assim, o desenho infantil não é mero produto visual, mas processo de significação que articula corpo, emoção, cultura e pensamento.

AS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A compreensão do desenho infantil como linguagem implica repensar o papel do educador e as práticas pedagógicas na Educação Infantil. Reconhecer o desenho como forma legítima de comunicação, expressão e organização do pensamento demanda uma concepção de infância que valorize a autonomia, a autoria e a participação ativa da criança nos processos educativos. Isso

significa superar visões reducionistas que tratam o desenho apenas como passatempo ou como instrumento para avaliar habilidades motoras, e reconhecer seu potencial como experiência estética e cultural.

Nesse sentido, Ferraz e Fusari (2009) argumentam que a prática docente em arte deve apoiar-se em experiências significativas, que ofereçam às crianças oportunidades de exploração, criação e reflexão. Para os autores, o papel do professor não é o de dirigir o desenho, mas de criar condições para que a expressão gráfica se desenvolva de maneira ampla e diversificada, garantindo o acesso a diferentes materiais, suportes e possibilidades de experimentação. Essa perspectiva desloca o foco do produto final para o processo criativo, valorizando a singularidade de cada criança.

A dimensão expressiva do desenho também deve ser considerada na prática pedagógica. Rousseau (2001) destaca que a cor exerce fascínio sobre as crianças e funciona como recurso emocional no processo gráfico. Assim, ao organizar propostas com materiais variados, o professor permite que a criança utilize a cor como elemento de expressão sensível, reforçando a importância de ambientes ricos, com materiais acessíveis e que estimulem a exploração estética.

Nesse processo, a mediação do educador é fundamental. Greig (2004) ressalta que o adulto precisa aprender a interpretar o desenho infantil não como reprodução fiel da realidade, mas como manifestação de sentidos construídos pelas crianças. Tal compreensão exige postura investigativa, em que o professor observa o gesto gráfico, escuta as narrativas e reconhece a intencionalidade presente em cada traço. Essa atitude dialógica contribui para que o desenho seja tratado como linguagem e não como atividade mecânica ou padronizada.

Além disso, o desenho pode ser entendido como espaço de autoria e construção de identidade. Quando a criança é encorajada a falar sobre suas produções e a escolher temas, materiais e estratégias, fortalece sua autonomia e se reconhece como sujeito criador. Essa postura implica que o professor não interprete o desenho a partir de expectativas adultocêntricas — como modelos

estéticos padronizados — mas que valorize a expressão espontânea e legitime os sentidos atribuídos pelas próprias crianças.

Por fim, a formação docente desempenha papel determinante. Iavelberg (2008) enfatiza que compreender o desenho como linguagem requer conhecimento sobre o desenvolvimento gráfico e sobre os processos culturais que o atravessam. Isso significa superar práticas como fichas xerocadas, desenhos prontos para colorir ou atividades dirigidas que limitam a criatividade infantil. A autora defende prática pedagógica que reconheça a história pessoal de cada criança, suas experiências estéticas e o modo como constroem repertórios gráficos próprios.

Assim, as implicações pedagógicas do desenho na Educação Infantil envolvem garantir ambientes ricos e acolhedores, promover a exploração livre de materiais, valorizar a expressão sensível e simbólica das crianças e adotar postura interpretativa e dialógica sobre o processo gráfico. Trata-se de reconhecer que o desenho é linguagem — e, portanto, merece ser tratado com intencionalidade educativa, sensibilidade estética e respeito pela singularidade da infância.

O DESENHO COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, CULTURAL E COGNITIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Compreender o desenho como linguagem implica reconhecer que ele ultrapassa o domínio motor, envolvendo dimensões culturais, estéticas e cognitivas que estruturam modos de ser, sentir e pensar da criança. Na infância, o desenho funciona como campo de experimentação simbólica no qual a criança articula percepções, memórias, emoções e conhecimentos adquiridos em suas interações sociais.

A dimensão estética do desenho emerge da relação sensível da criança com materiais, cores, superfícies e formas. A seleção espontânea de determinados recursos — como cores intensas, movimentos amplos ou linhas sutis — revela estilos próprios e maneiras de interagir sensivelmente com o mundo. A estética não se reduz ao belo, mas refere-se à experiência sensível mobilizada na exploração do espaço gráfico, favorecendo imaginação e criatividade.

No plano cultural, o desenho funciona como meio de expressão das referências simbólicas absorvidas na convivência social. O universo gráfico infantil alimenta-se de experiências compartilhadas, narrativas da comunidade, elementos da mídia, jogos, brincadeiras, tradições familiares e práticas cotidianas. Ao desenhar, a criança reinscreve esses repertórios culturais, produzindo versões próprias da realidade e revelando interpretações singulares do mundo. Assim, o desenho torna-se forma de participação cultural, permitindo que a criança seja autora de sentidos.

A dimensão cognitiva também se destaca, pois o ato de desenhar envolve planejamento, tomada de decisões, coordenação entre intenção e ação, antecipação de resultados e reorganização de estratégias. Ao pensar sobre o que deseja representar, selecionar materiais e organizar elementos no espaço, a criança estrutura formas de raciocínio e desenvolve funções mentais superiores, como atenção, memória e resolução de problemas.

A articulação entre desenhar e brincar sustenta a ludicidade dessa linguagem, com produções gráficas frequentemente acompanhadas de narrativas e dramatizações. Nessas situações, o desenho não é apenas registro, mas jogo simbólico por meio do qual a criança reelabora experiências. Essa dimensão contribui para o bem-estar emocional e para a construção da identidade infantil.

Portanto, o desenho não pode ser compreendido como simples representação da realidade, mas como experiência que articula estética, cultura e cognição, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que garantam ambientes acolhedores, materiais diversificados e tempos adequados para o desenvolvimento da potência criadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentou-se na análise interpretativa de produções teóricas que discutem o desenho infantil sob perspectivas do desenvolvimento gráfico, da dimensão sociocultural e da mediação pedagógica. Foram selecionadas obras de referência no campo da arte-educação e do

desenvolvimento infantil, priorizando autores que abordam o desenho como linguagem.

A análise evidenciou convergência quanto ao reconhecimento do desenho como linguagem estruturante na infância. Entretanto, identificaram-se diferentes ênfases teóricas: Greig privilegia a progressão estrutural do gesto gráfico; Silva destaca a constituição simbólica articulada à linguagem oral; Iavelberg enfatiza o caráter sociocultural e autoral da produção infantil; e Derdyk ressalta a dimensão sensível e expressiva.

Essa tensão teórica revela que o desenvolvimento gráfico não pode ser compreendido apenas como sequência evolutiva universal, mas como processo atravessado por cultura, interação e mediação pedagógica. A análise crítica dos referenciais permite afirmar que a garatuja não constitui etapa preparatória inferior, mas linguagem legítima, carregada de intencionalidade, emoção e participação cultural.

Os dados bibliográficos analisados reforçam que práticas pedagógicas restritivas — como atividades padronizadas ou modelos prontos — tendem a limitar a potência expressiva do desenho, enquanto ambientes ricos em estímulos ampliam a construção simbólica e a autoria infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender o desenho infantil como linguagem fundamental na primeira infância, reconhecendo-o como forma de expressão, comunicação e elaboração simbólica. A análise bibliográfica evidenciou que o desenho ultrapassa a dimensão representativa, constituindo-se como experiência estética, cognitiva, cultural e emocional.

Identificou-se que o desenho emerge de processos complexos que envolvem gestos, emoções, percepções e interações sociais, integrando pensamento, imaginação e criação. A criança, ao desenhar, não apenas reproduz o que vê, mas ressignifica experiências e comunica sentidos próprios.

As reflexões reforçam a importância da mediação docente. Cabe ao educador proporcionar

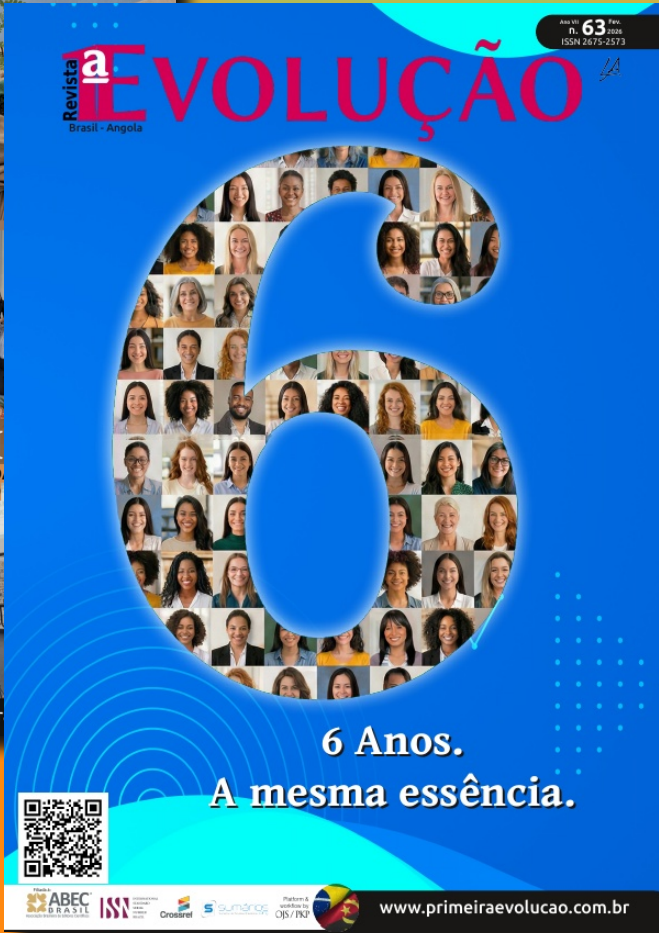
ambientes ricos em materiais, tempos adequados e escuta sensível. Quando o professor compreende o desenho como linguagem, passa a interpretar os traços infantis como manifestações de pensamento e afetos em construção, fortalecendo práticas que respeitam o protagonismo infantil.

Reitera-se, ainda, o valor cultural e simbólico do desenho como território de identidade e participação social. Embora este estudo seja de natureza bibliográfica, abre caminhos para investigações futuras que incluam observações em campo e análises empíricas de produções gráficas.

Assim, reafirma-se que o desenho infantil não é apenas recurso didático, mas forma de conhecimento e expressão que merece lugar central nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

REFERÊNCIAS

- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1994.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERREIRO, Emilia. **Guia prático da educação infantil**. 2025.
- GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores**. São Paulo: Pensamento, 2001.
- SILVA, S. M. C. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
 Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
 Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adriana Pereira Santos da Silva
- Adriana Silva de Santana Barros
- Amanda Zuza dos Anjos
- Bianca de Assis Pirahy
- Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca
- Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba
- Cícera da Silva Ramos
- Cláudia Reolo da Silva Ferreira
- Denise Teixeira Santos Menezes
- Edson da Conceição Graça
- Elizabeth Aparecida Feitosa Lima
- Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro
- Joice de Andrade Silva
- José Manuel dos Santos
- Leandro de Almeida Oliveira
- Lilian Silvana Minho Zanetta
- Luciane de Jesus Mineiro de Lima
- Lucoque Bernardo
- Manuel Paulo Chamorro
- Marcelo Cunha
- Marli Aparecida Rosa
- Maria de Lourdes Ferreira da Silva
- Orlaneide Ferreira Santos Diamante
- Paula Dulcídio Rosseto
- Renata da Costa Braz
- Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira
- Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores:



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

